

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 903

Terça feira, 1 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A moderna cultura popular

Ouvindo o dr. sr. Ferreira de Macedo, director da Universidade Popular Portuguesa

O que será a acção educativa desta instituição. Um programa moderno que lentamente vai passando à prática.

E já um pouco conhecida, felizmente, entre as classes operárias a acção benéfica da Universidade Popular Portuguesa. É esta uma instituição que começo a interessar extraordinariamente aos operários que pretendem instruir-se e educar-se. No intuito de satisfazer a curiosidade de quem se interessa pelas questões de educação popular, provarás o dr. sr. Ferreira de Macedo, um dos mais activos directores da Universidade Popular, para que ele dissesse aos nossos leitores o que tenciona aquela instituição pôr em prática para o novo ano educativo, que começo.

De facto tenho algumas novidades interessantes a comunicar-lhes — disse o dr. Ferreira de Macedo ao tomar conhecimento do móbil da nossa visita. — Estamos, por exemplo, estudando activamente a organização da Biblioteca de Educação Popular, de harmonia com o plano pedagógico da Universidade.

— É uma das partes principais do vosso programa, não é verdade?

— Exatamente — confirmou o nosso entrevistado. — A Biblioteca é mais uma das inúmeras ramificações do programa educativo da Universidade, que vamos pondo lentamente em prática. Brevemente, pois, aparecerão os três primeiros livros da Biblioteca de Educação.

— São eles?

— A História popular da civilização, adaptação do gênero de livros dos autores Driault e Monot e de Weber; a História popular da arte, no gênero dum livro de Pecaut e Baude e as Questões morais e sociais na literatura, pelo dr. Câmara Reys. Este último trabalho é extenso, deve encerar três volumes, e o assunto já é conhecido pelas conferências do autor, que tanto interesse tem despertado. A edição dos livros da Biblioteca de Educação Popular ficará a cargo da Empresa "Scara Nova".

A Universidade Popular, de colaboração com os conhecidos músicos Freitas Branco e Viana de Mota, vai organizar concertos sinfónicos populares

— Parece que a acção da Universidade este ano vai fazer-se sentir mais fortemente — dissemos.

— Sim, sobretudo será uma acção mais variada e profícua. Por exemplo sobre música pensamos fazer coisas interessantes.

— Sobre música? — dissemos curiosos.

— Sobre música, sim. Estão atheadadissimas as negociações da Universidade Popular com os srs. Freitas Branco e Viana de Mota, a fim de se iniciarem concertos sinfónicos populares.

Sorrimos. Quantas vezes sem teem anunciado concertos populares, que passam sem que o povo, o verdadeiro povo, deles tem conhecimento.

— Compreendo o seu sorriso — atalhou o nosso interlocutor. — Provavelmente julga que os concertos que anunciamos organizarão serão no gênero daqueles que anunciamos populares, são escaudados apenas por meia dúzia de indivíduos que geralmente não são do povo. Não, os nossos concertos hão de ser, de facto, populares; primeiro, pela organização especial dos seus programas; segundo, porque serão precedidos de palestras simples e elucidativas; terceiro porque serão dedicados a um auditório verdadeiramente popular, com quem nos entenderemos directamente.

— Querem os amigos outra novidade interessante? Brevemente ráriam os n.º 2, 3 e 4 do jornal *Educação Popular* e

O éxito do jornal «Educação Popular» — Novas séries de conferências educativas — Vão recomeçar as consultas pedagógicas para as famílias

— E o primeiro número — interrogámos — teve exílio?

— Um exílio enorme — apressou-se a responder entusiasmado o dr. Ferreira de Macedo. — Vamos agora desenvolvê-lo, de forma a torná-lo verdadeiramente interessante, útil e mesmo indispensável a todo o homem do povo.

— E a respeito de conferências — preguntámos — que tencionam fazer este ano?

— Vamos intensificá-las. Estão já preparadas para iniciar-se agora várias séries na secção do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, na do Sindicato Único Metálico, no Ateneu Popular, nas secções da Construção Civil e do Sindicato Metalúrgico em Belém, na Associação dos Caixeiros e na sede da Universidade Popular.

— Temos novas séries que repetem as da época finda? — pre-guntámos.

— Reticemos algumas e temos algumas séries novas que devem despertar grande interesse, tais como a «História da Civilização»; «Geografia geral, comercial, política e colonial»; «História popular da arte»; «História popular dos inventos e descobertas científicas»; etc.

— E algumas consultas pedagógicas para as famílias que o dr. Faria de Vasconcelos, dava na sede da Universidade?

— Recomeçam no próximo domingo. Para a semana vêm também na sede as sessões cinematográficas educativas. Tencionamos dar uma sessão por semana.

A expansão da Universidade Popular — Vão formar-se secções em Coimbra e em Faro — A simpatia do operariado por esta instituição

— E nos grato registrar a expansão verdadeiramente animadora que a Universidade Popular Portuguesa vai tendo.

— Sabem — disse-nos com mal disfarçada alegria o nosso entrevistado — que vamos ter secções da Universidade na província?

— Onde? — interrogámos curiosos.

— Estão-se tratando activamente da fundação em Coimbra dum grande secção da Universidade Popular. Estão vivamente interessados nesta obra professores da Universidade de Coimbra, da Escola Normal e muitos elementos populares.

— Eis uma novidade que nos regozija — dissemos.

— Em Faro há já também quem tenha iniciado trabalhos no mesmo sentido.

— Nem tudo é podridão — comentámos. — As boas ideias também vão criando adeptos.

— Felizmente temos encontrado agora da parte do público um acolhimento simpático. Principalmente as classes operárias, e a elas interessa diretamente tudo quanto diga respeito à educação, tem compreendido e aplaudido o nosso trabalho. Elas compreendem que o carácter do nosso trabalho educativo é absolutamente neutro em matéria política ou religiosa. Causou-nos, por exemplo, agradável impressão o facto da C. O. T., perfilar a tese do dr. Faria de Vasconcelos sobre a escola primária. Também ele recomenda numa das bases desse trabalho a neutralidade absoluta da política e da religião. A educação deve estar a cima das setas e dos parádisos. Só assim se poderá respeitar a liberdade de pensamento.

— Querem os amigos outra novidade interessante? Brevemente ráriam os n.º 2, 3 e 4 do jornal *Educação Popular* e

O 13.º Congresso dos Sindicalistas alemães

Pela acção directa e autonomia sindical

Convocado pela "Freie Arbeiter Union Deutschland" (União livre dos trabalhadores da Alemanha) realizou-se em Büsseldorf um congresso sindicalista, que durou cinco dias.

Foi Kater que pronunciou o discurso de abertura, tomando depois a palavra o velho militante anarquista Kodofo Roker, que combateu vivamente a política centralista das grandes organizações reformistas.

As duas grandes experiências, disse Roker, a bolchevista do Oriente e a social-democrata do Ocidente mostraram-se impotentes para realizar o socialismo, confirmado assim na prática as nossas concepções anti-centralistas e anti-autoritárias.

Em seguida por proposta de Souchy, e completada por Roker, foi aprovada a seguinte declaração: «nossa organização, sendo completamente autónoma, não pode por conseguinte tolerar o encerramento das suas deliberações de representantes dos partidos políticos, filosóficos ou religiosos.»

Esta decisão foi motivada pelo momento crítico que agora atravessa o proletariado da Alemanha, momento que foi muito bem examinado pelo secretário do congresso, Kater, que pôs em relevo o notável regresso espiritual e moral, que se tem manifestado nas fileiras do operariado, principalmente, depois da aventura de von Kapp e dos movimentos de maio último.

Todavia, algumas regiões o movimento apresenta-se bem, tendo presentemente o jornal de Berlim "Der Syndikalista" uma tiragem de setenta e cinco mil exemplares.

Falando sobre a conferência preliminar do Congresso Internacional Sindicalista Vermelho, realizada em dezembro último em Berlim, Kater fez notar que tinham razão aqueles que lá tinham esboçado uns certos temores, de que Moscova viesse a exercer uma pressão política destrutiva sobre o sindicalismo vermelho. «Ora, disse Kater, os sindicalistas revolucionários voltaram desiludidos de Moscova, e alguns deles apresentaram-se a convocar, sobre a base dos princípios discutidos em Berlim, uma nova conferência sindicalista internacional.»

O Congresso tratou em seguida de várias questões de ordem interna, protestando também contra as condenações de Sacco e Vanzetti, e as perspectivas aos camaradas da Espanha, Hungria e Rússia.

(Continua).

U. S. O.

Comissão administrativa

Para assunto da máxima urgência, reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários, sendo necessária a comparecência de todos os componentes.

Diz o referido jornal que os operários da Áustria estão armados, e que os soldados estão confederados.

Escolas Primárias Superiores

Como estão funcionando não prestam

Mas em vez de as encerrar, deve-se pensar em as remodelar e aperfeiçoar

Economias! economias! prometeu solenemente fazer o actual governo, salvo dum a to revolucionário para moralizar e democratizar a República. Como é de se cumprir a promessa, diz-nos a medida que já tomou concedendo aos oficiais da Guarda Republicana que sejam colocados na província o direito de requisitar um vagão, pago pelo Estado, para o transporte das suas mobílias. Perante esta amostra dir-nos-ão que não há de que ter receio de que o actual ministro da instrução leve avante a sua ideia de encerrar as Escolas Primárias Superiores, como uma medida económica. Não é assim. Tratando-se de instrução todas as reduções são possíveis. Elas só não são possíveis nas despezas com a força armada.

Estamos informados de que o ministro da instrução é um rapaz muito inteligente e, segundo ele próprio diz, sem ter nunca sonhado na sua vida em ser ministro, tem pensado muito nos assuntos da instrução. Temos pois na pasta da instrução um ministro que não é político — e esta é uma das melhores qualidades que pode ter — inteligente e conhecedor dos assuntos sobre os quais foi chamado a resolver.

Muito bem. Mas falta-lhe uma qualidade primordial para ministro da instrução: é ter orientação social que é absolutamente indispensável a todo o educador. Sua ex. é matemático, e, como tal, tirando-o do 2 e 2 são 4, não vê mais nada. Não visionar o futuro e não compreender a função social da instrução e da educação é o seu grande defeito. E a prova de que não tem essa compreensão, temo-la na guerra às Escolas Primárias Superiores cujo sentido social não atingiu. E é esse significado social que um operário, que não frequentou o liceu porque a sua família era pobre e não frequentou a Escola Primária Superior porque nesse tempo as não havia, tendo, pois, que limitar-se a simples exame de instrução primária, vai explicar ao ministro.

Objectivo e função social do ensino primário superior.

O ensino primário superior, que faz parte do plano de instrução do dr. sr. António José de Almeida, quando foi ministro daquela pasta no governo provisório, e que foi iniciado em Portugal pela Escola Oficina n.º 1, tem por fim alongar o a.º de instrução primária dando ao indivíduo, dentro desse grau de instrução, o máximo de conhecimentos científicos de carácter prático; conservar a criança mais tempo na escola e proporcionar, pelos trabalhos manuais de carácter técnico e pelas secções técnicas de carácter regional que a escola das profissões se faça segundo as aptidões reveladas na escola pelas crianças e não por capricho dos pais, como sucede.

O princípio dessas Escolas Primárias Superiores é o de democratização do ensino, afastando gente do ensino clássico das licenças que só preparam para autores e facultando a cultura geral que todo o indivíduo deve possuir. Elas visam, como

o que o ministro tem a fazer

A falta de dinheiro impede que tenham sido instalados os oratórios e as secções técnicas, de sorte que o ensino, em vez de prático, é teórico e livresco. Do exposto conclui-se que, como estão funcionando, não prestam. Mas o defeito está na má interpretação do seu programa, por falta de dinheiro e de pessoal com habilitações e orientação moderna para interpretar o espírito e a função social das Escolas Primárias Superiores. O que o ministro tem a fazer não é acabar com elas, é dotá-las com a verba necessária e vassourar do coro docente os incompetentes.

Mas se o ministro se julga, para essa obra, impotente e incompetente, então sim — salvaguardando os interesses dos alunos matriculados, pode mandar encerrar-las, pois que, repetimos, como estão funcionando não prestam.

Contra a aventura de Carlos de Habsburgo

UMA PERDA SENSÍVEL

MAXIMO GORKI FALECEU

Alexei Maximovich Pechov, conhecido pelo nome literário de Maximo Gorki, acaba de falecer.

Maximo Gorki conheceu as misérias do povo russo, vivendo-as através dum modo irrequieto, doloroso e vagabundo, sofrendo todas as misérias e todas as provações.

Teve as profissões mais duras e mais humildes, trabalhando em condições horríveis.

Um dia foi parar à universitária cidade de Kasan e ali teve contactos intelectuais que o arrastaram para o estudo.

Mais tarde, essa alma sofredora e rude revelou-se um dos maiores escritores, mostrando através das suas obras todo quanto de doloroso e de arrancante ele presenciou e compartilhou na sua tribulação.

Foi o escritor dos humildes e dos desgraçados, e o seu psicólogo sincero e subtil. As suas obras foram lidas por toda a humanidade, dos que suam e sofrem, que nelas se encontraram algumas vezes, fielmente retratados.

Poem, raramente, uma alma sofredora e rude, mas sempre um apelo veemente para a justiça, para a liberdade, para a igualdade.

Os livres exploraram ignorantemente o seu renome literário, desobrando a sua obra em várias edições que constituem em negócios livrescos uma das maiores mistificações conhecidas.

Gorki morreu, mas a sua obra continua vivendo enquanto viverem os sofrimentos dos humildes, que ele iluminou de clarões fulgurantes de verdadeira e de revolta.

As forças vivas e o chefe do estado

A malograda manifestação de ante ontem

Realizou-se ante ontem a anunciadíssima manifestação ao chefe do estado. Tinha essa manifestação por fim pedir-lhe para que não resignasse o cargo que desempenha. O mais curioso é que realizou-se depois de toda a gente saber que ele já não resignava.

Nessa manifestação incorporaram-se as câmaras municipais do país, as forças vivas e reacionárias, representadas pelas associações de indústria, comércio e agricultura e cruzada Nuno Álvares.

Os singulares vereadores lisboetas convidaram o povo a comparecer. Esse convite seria coroado pelo mais explodido dos êxitos conhecidos, se o povo não tivesse resolvido não lhe ligar importâncias, com uma unanimidade rara vez verificada.

Se assim é, não se comprehende o seu desejo de resignar!

Fique porém assente que o povo não comparecendo, manifestou eloquentemente o seu desinteresse...

De tudo isto se arranca a seguinte conclusão:

Na vida política republicana, por mais vezes que as cartas sejam baralhadas, os trunhos continuam sendo arros e espadas

Ouvindo um marinheiro da Armada

A marinha não quer uma monarquia mascarada com a palavra República

Encontramo-nos há dias com um antigo marinheiro, nosso amigo, que no 5 de Outubro, no 14 de Maio e no 5 de Junho lá foi, com os seus camaradas, afrontar a morte, para defesa dos seus ideias, almas simples e rude de crente, para quem o conchego do lar significa uma cobardia nos momentos em que as enganosas miragens da democracia estão em perigo.

Falámos do Granjo, do Machado Santos, do Carlos da Maia...

— Acredite você — diz-nos com energia — a marinha de guerra sabe o que quer, por e para onde caminha, e esta demais experimentada nos rudes combates pela liberdade para descer à cobardia de ir arrancar a suas casas, aos seus leitos, às lágrimas da família homens indefesos — ainda fossem criminosos — e fuzilá-los

Não matarás!

Como o soldado que queima os derradeiros cartuchos com o desespero hómérico de Cambrai; sentindo o cerebro paralisado na atonia dum dôr suprime e quasi a ponto de render-me à asmagadora realidade que corre e dissolve as mais energicas vontades aqui me encontro ainda neste reducto quimando as ultimas parcelas do meu fôsforo cerebral, convencido de que só por um quasi impossivel milagre não será este o meu ultimo artigo, tal é o estado da minha alma, verdadeiramente em farrapos.

Espirito cristão, como sou e, portanto, muito amante da Verdade, do Direito e da Justiça, vencido e ferido de morte na minha afeição, onvindo os rugidos do ôdio e os gritos da vingança sanguinária; profundamente abalado no físico e no moral, venho ainda e não obstante repetir a todos e a cada um aquelas palavras que servem de testamento a este artigo:

“Não matarás”

A vida, o lar e o preso queremos invioláveis e inviolados.

Inviolável a vida porque à natureza pertence e deve ser acautelhada contra os erros da justiça, cuja freqüência horroriza.

Inviolável o lar porque é o sanctuário da família e o único refúgio da criação quando se vê perseguida pelas tormentas da vida e pelas infâncias do mundo.

Inviolável o preso porque não pode resistir nem defender-se e porque pertence ao juiz que é o fiscal da lei, e o seu julgador.

Bater num preso, ofendê-lo, molestá-lo, é ofender a lei, a justiça e o juiz que eu quer, igualmente, invioláveis e inviolados.

“Não matarás”

E é este o tema da minha tese presente.

Quando, em França, o capitão Dreyfus foi condenado à deportação para a Ilha do Diabo se a justiça francesa tivesse condenado à morte, impossível teria sido a reparação desse erro e mais um tremendo crime jurídico se teria, assim cometido, como sucedeu alguns anos depois e na Espanha com Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna fuzilado no Castelo de Montjuich.

Ainda deve haver entre nós quem se lembre duminha tragédia que ocorreu há anos, numa casa da calçada da Glória, desta cidade, e da qual resultou a morte duminha senhora, em consequência dum tiro de revolver sobre ela disparados por um indivíduo das suas relações intimas que, em acto contínuo, disparou a mesma arma contra si próprio.

O mesmo indivíduo restabeleceu-se, decorrido algum tempo, sendo julgado e absolvido.

Nessa ocasião estava eu como fotografo num estabelecimento científico dos mais importantes de Lisboa.

Numa tarde em que eu trabalhava com o respetivo director dr. sr. A. B., que, além de ser um eminente científico é também um grande liberal e um coração altamente generoso, veio à discussão a sobredita tragédia, estabelecendo-se entre mim e o referido sabio o seguinte diálogo, sobre o caso; dizendo-me o dr. A. B.

Pela política

O governo está demissionário

O conselho de ministros reuniu-se ontem de tarde, na secretaria do interior, afim de serem apreciados os vários assuntos que correm pelas diferentes pastas.

Algumas membro do actual governo manifestaram a intenção de abandonar por não se considerarem revolucionários e por não estarem dispostos a dar execução completa ao programa do movimento, com que em parte concordam.

O sr. Manuel Maria Coelho, porém, só pediria a demissão colectiva quando outro governo esteja formado e todas as individualidades convidadas tenham aceitado o encargo.

Embora se insista em dizer que o sr. Cunha Leal será chamado a formar novo ministerio, o certo é que este depurado está na disposição de não aceitar tal incumbência.

AS GREVES

Pessoal da Litografia Mata

Refúgia a comissão dirigente do movimento pró-áumento de salário que ultimamente alguns trabalhos para apresentar na reunião do pessoal em greve, para a qual se pede a comparação das mulheres, que se realiza amanhã pelas 14 horas.

A comissão congratulou-se com os aumentos de salário que alguns industriais de litografia fizeram, na semana finda, ao seu pessoal.

Esse gesto vai ser seguido, esta semana, por outros industriais.

O movimento já estaria solucionado se não fosse a pouca consideração que os encarregados da Litografia Mata tem pelo pessoal, especializando Sérgio Alves da Costa que se mete a desempenhar funções que são estranhas ao seu serviço.

SAÍDAL

Específico ideal e infalível que permite a todos regular o número de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz.

FRIEIRAS. — Cura rápida só com o verdadeiro Pó de Maio.

FARMÁCIA CABRAL, Suas PULHÃAS. — Lisboa. — Pelo correio 5400.

vida política

Registro Civil. — Realiza-se hoje das 10 às 11 da manhã, na sede da Associação do Registo Civil, na constância médica dirigida pelo dr. Rosado Baptista.

Todo o receituário poderá ser aviado ondas doentes entenderem. Estas consultas medicas ralzam-se sempre na sede da Associação, largo da Alfândega, 45, 1º.

“Amanhã realizase a 1ª consulta médica dirigida pelo sr. dr. Silva Martins, que pela primeira vez inicia as suas consultas medicas, tendo-se oferecido obsequiosamente à Associação do Registo Civil, para este

— Entrou o homem da calçada da Glória foi absolvido.

— Qual homem?

— Aquela que disparou os tiros contra uma senhora, aqui há tempo.

— Ainda bem — respondi eu.

— Ainda bem?

— Sim, porque a sociedade não lucra mandando as ultimas parcelas do meu fôsforo cerebral, convencido de que só por um quasi impossivel milagre não será este o meu ultimo artigo, tal é o estado da minha alma, verdadeiramente em farrapos.

Espirito cristão, como sou e, portanto, muito amante da Verdade, do Direito e da Justiça, vencido e ferido de morte na minha afeição, onvindo os rugidos do ôdio e os gritos da vingança sanguinária; profundamente abalado no físico e no moral, venho ainda e não obstante repetir a todos e a cada um aquelas palavras que servem de testamento a este artigo:

“Não matarás”

A vida, o lar e o preso queremos invioláveis e inviolados.

Inviolável a vida porque à natureza pertence e deve ser acautelhada contra os erros da justiça, cuja freqüência horroriza.

Inviolável o lar porque é o sanctuário da família e o único refúgio da criação quando se vê perseguida pelas tormentas da vida e pelas infâncias do mundo.

Inviolável o preso porque não pode resistir nem defender-se e porque pertence ao juiz que é o fiscal da lei, e o seu julgador.

Bater num preso, ofendê-lo, molestá-lo, é ofender a lei, a justiça e o juiz que eu quer, igualmente, invioláveis e inviolados.

“Não matarás”

E é este o tema da minha tese presente.

Quando, em França, o capitão Dreyfus foi condenado à deportação para a Ilha do Diabo se a justiça francesa tivesse condenado à morte, impossível teria sido a reparação desse erro e mais um tremendo crime jurídico se teria, assim cometido, como sucedeu alguns anos depois e na Espanha com Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna fuzilado no Castelo de Montjuich.

Ainda deve haver entre nós quem se lembre duminha tragédia que ocorreu há anos, numa casa da calçada da Glória, desta cidade, e da qual resultou a morte duminha senhora, em consequência dum tiro de revolver sobre ela disparados por um indivíduo das suas relações intimas que, em acto contínuo, disparou a mesma arma contra si próprio.

O mesmo indivíduo restabeleceu-se, decorrido algum tempo, sendo julgado e absolvido.

Nessa ocasião estava eu como fotografo num estabelecimento científico dos mais importantes de Lisboa.

Numa tarde em que eu trabalhava com o respetivo director dr. sr. A. B., que, além de ser um eminente científico é também um grande liberal e um coração altamente generoso, veio à discussão a sobredita tragédia, estabelecendo-se entre mim e o referido sabio o seguinte diálogo, sobre o caso; dizendo-me o dr. A. B.

Teatro de S. Carlos c. Tel. 5053

Companhia dramática Rey Colaço-Robles Montesiro

Hoje, às 21 horas (9 em ponto)

A peça de grande espetáculo

JERUSALEM!

Magnífico sexto composto pelos mais distintas artistas sob a direção de René Bohet

O espetáculo termina à meia noite.

Reuniu extraordinariamente esta classe para apreciar a forma como o governo tem procedido para com os presos por questões sociais, resolvendo dar o seu apoio à Confederação Geral da Trabalho sobre qualquer movimento que tenda levar a efeito, assim como enviar telegrama ao presidente do ministério reclamando a imediata libertação dos presos por questões sociais.

— Entrou o homem da calçada da Glória foi absolvido.

— Qual homem?

— Aquela que disparou os tiros contra uma senhora, aqui há tempo.

— Ainda bem — respondi eu.

— Sim, porque a sociedade não lucra mandando as ultimas parcelas do meu fôsforo cerebral, convencido de que só por um quasi impossivel milagre não será este o meu ultimo artigo, tal é o estado da minha alma, verdadeiramente em farrapos.

Espirito cristão, como sou e, portanto, muito amante da Verdade, do Direito e da Justiça, vencido e ferido de morte na minha afeição, onvindo os rugidos do ôdio e os gritos da vingança sanguinária; profundamente abalado no físico e no moral, venho ainda e não obstante repetir a todos e a cada um aquelas palavras que servem de testamento a este artigo:

“Não matarás”

A vida, o lar e o preso queremos invioláveis e inviolados.

Inviolável a vida porque à natureza pertence e deve ser acautelhada contra os erros da justiça, cuja freqüência horroriza.

Inviolável o lar porque é o sanctuário da família e o único refúgio da criação quando se vê perseguida pelas tormentas da vida e pelas infâncias do mundo.

Inviolável o preso porque não pode resistir nem defender-se e porque pertence ao juiz que é o fiscal da lei, e o seu julgador.

Bater num preso, ofendê-lo, molestá-lo, é ofender a lei, a justiça e o juiz que eu quer, igualmente, invioláveis e inviolados.

“Não matarás”

E é este o tema da minha tese presente.

Quando, em França, o capitão Dreyfus foi condenado à deportação para a Ilha do Diabo se a justiça francesa tivesse condenado à morte, impossível teria sido a reparação desse erro e mais um tremendo crime jurídico se teria, assim cometido, como sucedeu alguns anos depois e na Espanha com Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna fuzilado no Castelo de Montjuich.

Ainda deve haver entre nós quem se lembre duminha tragédia que ocorreu há anos, numa casa da calçada da Glória, desta cidade, e da qual resultou a morte duminha senhora, em consequência dum tiro de revolver sobre ela disparados por um indivíduo das suas relações intimas que, em acto contínuo, disparou a mesma arma contra si próprio.

O mesmo indivíduo restabeleceu-se, decorrido algum tempo, sendo julgado e absolvido.

Nessa ocasião estava eu como fotografo num estabelecimento científico dos mais importantes de Lisboa.

Numa tarde em que eu trabalhava com o respetivo director dr. sr. A. B., que, além de ser um eminente científico é também um grande liberal e um coração altamente generoso, veio à discussão a sobredita tragédia, estabelecendo-se entre mim e o referido sabio o seguinte diálogo, sobre o caso; dizendo-me o dr. A. B.

P. S. E.

As bases da nova organização

São as seguintes as bases da organização da P. S. E. :

1º Torná-la secreta à semelhança das congêneres estrangeiras e sua adopção é o nosso meio.

2º Toda a reorganização assenta na instituição de postos secretos de informação em Lisboa e nas principais cidades da província, centros industriais e fronteira.

3º O recrutamento do pessoal será feito com toda a ponderação e selecção com o maior cuidado.

4º Os postos estarão em contacto permanente com a direção da polícia para que se obtenha diariamente um relatório circunstanciado do que se passar, o qual será enviado ao ministro do interior.

5º Além dos postos de informação secreta, junto da secretaria funcionará uma brigada de agentes que terá o seu cargo a efectivação de buscas, prisões, vigília, etc.

José BENEDY

Na reunião magna efectuada no Barreiro hoje, dia 30, resolvem manter-se em sessão permanente até que todas as reclamações sejam satisfeitas, não permitindo que os individuos que depois da greve de 30 de Setembro do ano findo, os violentaram, sejam reconduzidos nos seus lugares, empregando para isso todos os meios.

Exigiram ainda que diariamente este Comitê lhes comunique o resultado das demarcações efectuadas. — O Comitê Executivo dos Ferroviários do Sul e Sueste.

Uma moção aprovada numa reunião no Barreiro

Os ferroviários do Sul e Sueste reunidos anteontem no Barreiro aprovaram a moção seguinte:

Considerando que a situação criada pelo último movimento revolucionário nos Caminhos de Ferro do Estado, exige por parte do pessoal, uma atitude energica e decisiva que corresponda aos compromissos tomados pela Junta Nacional;

Considerando que os ferroviários do Sul e Sueste foram de uma benevolência espontânea para com os individuos que durante um anno os violentarem, insultando-os e oprimindo-os, provando mais uma vez os seus nobres sentimentos;

Considerando que essa benevolência não deve ir até ao ponto de se transgredir em absoluto com os individuos que provocaram a classe e a enxovalharam, o que a dar-se, representaria uma manifestação, de fraqueza e cobardia por parte de todos os ferroviários;

Considerando que nas profundas incompatibilidades que podem provocar graves conflitos pessoais e colectivos;

Considerando que as reclamações morais apresentadas pelo Comitê Executivo da Junta Nacional e ao governo, são a expressão da vontade e os desejos da classe, tendo por fim reparar todas as injustiças que se tem praticado desde 30 de Setembro de 1920.

Os ferroviários do Sul e Sueste reunidos em assemblea magna resolvem:

Impedir por todos os meios que os individuos indicados na nota apresentada pelo Comitê Executivo e Junta Nacional, sejam reconduzidos nos mesmos lugares que ocupavam ate 19 do corrente, por isso representar uma afronta à honra e à dignidade do pessoal.

Não considerarem satisfeitos os desejos e aspirações da classe, sem a anulação pura e simples dos decretos números 7014 e 7015 de 12 de Outubro de 1920; 7069 de 28 de mesmo mês e ano; 7189 de 9 de Dezembro do mesmo anno e 7228 de 9 de Janeiro do anno corrente;

Mantendo-se em sessão permanente, exigindo do Comitê Executivo, claras explicações diariamente, sobre a consideração que o governo e a Junta Nacional, merecem as reclamações dos ferroviários e perante a atitude daquelas entidades, resolver a acção a desenvolver.

No caso de terem de tomar uma atitude mais energica e decisiva os ferroviários do Sul e Sueste, resolvem ainda, ligar a sua acção à dos seus camaradas do Minho e Douro.

vida anarquista

Grupo «Terra Livre». — Para dar andamento nos trabalhos pendentes reúne hoje, dia 20, às 18 horas, no local do costume.

Pede-se a comparecência de todos os componentes.

A BATALHA no Porto

Última reunião foi um belo negócio para os comerciantes — O b.
patriota das suas paixões — E o povo gêne

PORTO, 29 — Na última reunião do Centro Comercial desta terra, os negociantes, ao mesmo tempo que protestavam contra os atentados ocorridos na capital, especialmente o perpetrado na pessoa do dr. Oranjo, que tantos serviços prestou, manifestaram os seus bons desejos de que, definitivamente, se entre num caminho de pacificação, tam indispensável ao sossego do país e ao desenvolvimento necessário das suas riquezas abaladas — da indústria, do comércio e da agricultura.

Quem os ouve falar não é moco; e, por isso mesmo, concordando em absoluto com as aspirações expostas naquela reunião de comerciantes, todos são de opinião que o inicio dessa paz, assim, sejeda, mas nunca conseguida, deve principiar pelos mesmos que a defendem no Centro em referência.

O exemplo é o melhor mestre e o melhor propagandista.

Os comerciantes, os industriais e os lavradores que conseguiram, durante e depois da guerra, realizar fortunas num montante de 900 mil contos, segundo uma estatística já mesas publicada, deviam refrear um pouco os seus impetos de usura, dando-se por satisfeitos com a rapina até aqui exercida.

As condições de existência aplanaram-se, os protostos públicos diminuíram de intensidade e o equilíbrio da pacificação ir-se estabeleceu gradualmente.

Mas qual quê, qual sarilho! Depois dos desejos patenteados na reunião do Centro Comercial do Porto e impressos nas colunas da imprensa do burgo, constanfamos que a recente revolução foi um belo negócio para os comerciantes, que é como quem diz um bom pretexto, um exelentíssimo pretexto, para ficarem as garras no dorso miserável do zé pavinho.

Logo, pois, a situação económica nesta cidade está se agravando de um modo sensível: tudo sobe de preço, desejos gêneos de primeira necessidade, asas de segunda ordem.

Que querem? o câmbio, com esta baratura e a incerteza política, piorou! E os orçamentos caselhos continuam no seu déficit progressivo, embalados pelas fisionomias dos quisumos das donas de casa.

Assim, como estabelecer o pacifismo entre a família portuguesa? Não podia ser, motivo porque o casos, a desordem, a preocupação dos espíritos, persistiu, na sua ação convulsivante de desas sôfis...

A propósito das farinhas e da sua escassez, a opinião pública tem comentado indignamente o desprôs a que os governantes continuam a lançar o Porto, enviando só um milhão de farinhas de trigo para cá e destinando uma porção deles para a capital. Os proprietários de padaria têm-se servido deste facto para levarem a água ao seu milho. Quanto a milho, segundo um carregador e descarregador, há-o por todos os lados, pois nunca, como nos últimos tempos, tanto se tem desembarcado quanto cereal.

Todavia, o preço do pão-brôa não desce, nem pelo diabo, porque uma grande parte do milho destina-se à distilação para o fabrico de álcool e outras coisas idênticas. Oh! mas a pacificação, o conjuramento das revoltes...

Conflito entre duas classes do Rio? Uma reunião dos carregadores e descarregadores de terra e mar?

Com grande afinhâcia de sindicatos, efectuou-se hoje, pelas 10 horas, uma reunião de carregadores de terra e mar. O principal motivo desta assembleia consistiu na apreciação dum ofício da Associação dos Trabalhadores Fluviais, no qual pedia a convocação urgente da classe, a fim de resolver a restituição imediata, aos fluviais, dos serviços de carregamento dos portos para o convéno dos navios e vapores, para se evitarem conflitos entre as duas classes.

Na assembleia criticou-se esta forma de ser usada por trabalhadores para trabalhadores, sendo os oradores unâmes em reconhecer que os carregadores e descarregadores de terra e mar, estando dentro da federação de indústria, da U.S.O. e C.G.T., não querem a de- o pessoal menor do município

do Porto vive na miséria

A Câmara Municipal desta cidade não é, nestes últimos tempos, escrupulosa no lançamento de impostos sobre todos os produtos, incluindo os de primeira necessidade. Como, por vezes, tem protestado contra a carestia da vida e desmedida ambição dos mercantilistas, para não ficar mal com as suas necessidades tributárias, fundamentadas, escusava-se naquela circunstância e na desvalorização da moeda, motivo por que a vida municipal se encontra um tanto comprometida. Alguns funcionários municipais superiores tem vindo a público defendendo o critério da sua alma, porquanto para melhorar um pouco a situação económica dos seus serventários tem fatalmente de criar novas recaídas, não levando em linha de conta certos desbaratados cometidos, em determinadas negociações. Assim se pensa destruir a razão dos protestos do público contra os novos e exagerados impostos camarários.

Mas — oh! a ironia dos factos — entre os servidores do município há um pessoal que, não sendo composto de amanuenses e outras categorias elevadas, nem por isso deixa de ser útil e indispensável, e, por consequência, ter os mesmos direitos à existência física, moral e social, já para não falar na intelectual. Esse pessoal é o pessoal menor, são os varredores, os condutores de carroças, os continuos das selas, empregados da limpeza, etc. A exigüidade dos salários destes humildes empregados da Câmara é inacreditável, espantosa. Os varredores, por exemplo, auferem a churrada quantia de 1550 diários e os carroceiros 2800! E' uma espécie de gorjeta à fome, à miséria, é um insulto, uma provocação àqueles infelizes trabalhadores da Câmara, que tantos trabalhos eira e sustenta. Desde Janeiro que

20, r/c. Esq.?

Foot-Ball

Realizaram-se ante ontem dois desafios para disputa da Taça Associação.

O Benfica venceu o Vitória por 5 bolas a 0 e o Casa Pia triunfou do Sporting por 2 bolas a 1.

A final será, portanto, disputada entre o Casa Pia e o Benfica.

clamando mais uns centavos para os seus ridículos salários. Mas o bruto, pardão! mas a Câmara a nada se tem mexido: não há miséria que a sensibilize, não há razões que a convencam. No entanto, uma das justificações por ela apresentadas para a defesa do cobramento dos novos impostos, baseou-se no facto de ter de satisfazer algumas justas reclamações do seu pessoal. Pois o pessoal menor do município, apesar de toda a sua razão, de toda a sua situação agonizante de miséria, que se repercute dolorosamente na vida dos seus filhos, ainda não recebeu uma de x a mais nos seus vencimentos. Em virtude de tanto operário, mas sim o seu entendimento, devendo ser toda a sua ação tendente a eliminar o patronato e consequente exploração e não a querer os seus camaradas oprimidos.

A mesma assembleia reconheceu que trabalhadores fluviais são todos os que trabalham no rio e, portanto, os carregadores e descarregadores, tendo estes um mister designado, o que não sucede com os que se dizem apenas fluviais. Sendo assim, tudo quanto se relaciona com carregar e descarregar, pertence.

Não entanto, que tem manifesta o dos carregadores sempre a sua lealdade,

pois os serviços a que se refere o ofício em questão, se os fluviais o fazem, devem-se ainda assim, a uma descendência da classe refinada. Os fluviais, afirmaram alguns membros da assembleia em questão, é que tem tentado

trair diversos serviços que não lhes pertencem.

Isto não quer dizer, porém, que se estabeleça conflito que em nada os honra mas que apenas aproveita ao capitalismo; antes, pelo contrário: o caminho a seguir é a fusão das associações dos trabalhadores do rio, fundando-se o Sindicato Único, pois só dentro dele é que se harmonizarão todos os interesses dos mesmos trabalhadores do rio e se firmará a solidariedade entre eles para o conseguimento da remodelação social onde não haja choque de rivalidades mesquinas nem flagrantes injustiças impostas por diferenças de castas e alimentação de orgulhos.

Debatido bem o assunto, foi resolvido o responder-se neste sentido à Associação dos Trabalhadores Fluviais, a mesmo tempo que se indicarão diversos factos passados em que a Associação dos Carregadores e Descarregadores se colocou a lado da primeira colectividade em defesa de interesses da classe que representa, lamentando também que antes o primeiro organismo não tivesse solicitado uma conferência harmonizada.

Na data reunião foi resolvido enviar

um telegrama ao governo insistindo

na libertação dos presos por questões

sociais e foram nomeadas duas comissões,

uma para a elaboração do regulamento da Caixa de Solidariedade

outra para a revisão de contas. Com

1 hora fôsse adiantada, ficou a última parte dos trabalhos para uma outra assembleia.

O pessoal menor do município

do Porto vive na miséria

A Câmara Municipal desta cidade não

em sido, nestes últimos tempos, escrupulosa no lançamento de impostos sobre todos os produtos, incluindo os de

primeira necessidade. Como, por vezes,

tem protestado contra a carestia da

vida e desmedida ambição dos mercantilistas, para não ficar mal com as suas

necessidades tributárias, fundamentadas,

escusava-se naquela circunstância e na

desvalorização da moeda, motivo por

que a vida municipal se encontra um

antigo comprometido. Alguns funcionários

municipais superiores tem vindo a

publico defendendo o critério da sua

alma, porquanto para melhorar um

pouco a situação económica dos seus

serventários tem fatalmente de criar

novas recárias, não levando em linha

de conta certos desbaratados cometidos.

Esta prova é por equipes de 3 correntes,

devendo ser disputadas duas taças,

além dos píemtos da classificação

general.

O percurso para esta prova deverá

ser publicado para a semana, assim

como se deverá abrir a inscrição.

Para esta prova deverão os concorrentes ser rigorosamente submetidos a uma inspecção médica.

Previnem-se todos os clubes de que este

conselho mudou a sede, provisoriamente,

para a Rua Afonso Domingues, 20, r/c.

Foot-Ball

Realizaram-se ante ontem dois desafios

para disputa da Taça Associação.

O Benfica venceu o Vitória por 5 bolas

a 0 e o Casa Pia triunfou do Sporting

por 2 bolas a 1.

A final será, portanto, disputada entre

o Casa Pia e o Benfica.

TRABALHADORES, LÉDE

A NOVELA VERMELHA

puro que pretende apenas o viver pacato ao lado

de uma mulher carinhosa, no sossego do lar,

tomaram vulto. Ele fantasiava uma vida inteiramente nova, calma, longo do convívio desmoronizou os seus amigos estroinhas. Ia regressar a si próprio. Fez projectos lindos que revelavam um desejo veemente de viver com serenidade, na paz inalterável da sua casa acolhedora. Lili achava os admiráveis, sentia-se tocada pela luz suave desses sonhos subtils.

Foi durante as primeiras noites, após o cansaço das posses violentas, plenas de vertigem inebriante, que no silêncio das horas calmas, languidamente abraçados, entre beijos suaves dum doçura espiritual, combinaram a sua vida futura.

Com a mesada ampla que os pais de Jorge

iam remetendo pontualmente, poderiam viver

uma vida incomparável. Não levariam uma

existência luxuosa, nem ambicionavam.

Teriam as suas refeições modestas, cozinhas

pela Lili, que não queria criada que aumentasse as despesas duma casa.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

— Não havia discordância entre ambos

que se sentiam devidamente satisfeitos.

